

ESTRUTURAS CONCEITUAIS E IDEOLOGIAS

A ascendência do Naturalismo sobre o Supernaturalismo nos círculos intelectuais norte-americanos é objeto de investigação. Faz-se uma revisão crítica do efeito da aceitação da hipótese evolutiva na literatura, na economia e na sociologia norte-americanas.



Clarence B.
Carson

Ph,D, e autor do livro *A Basic History of the United States*, de cujo Capítulo 3 do Volume 4 ("O crescimento da América 1878-1928") este artigo foi extraído. A coleção de cinco volumes de seu livro pode ser solicitada ao *American Textbook Committee*.

PERSPECTIVA HISTÓRICA NATURALISTA

Introdução

Uma nova onda de ideias varreu a América do Norte na última parte do século dezenove. Não eram ideias inteiramente novas - embora algumas delas realmente o fossem - mas muitas delas certamente se revestiram de aspectos novos. A ideia básica que encantou, prendeu a atenção e serviu como uma espécie de farol para muitos intelectuais foi a ideia da Evolução. Não simplesmente da evolução biológica - embora ela permanecesse central - mas da evolução aplicada em todos os sentidos, pois muitos pensadores, por assim dizer, começaram a ver tudo através das lentes da evolução. Sem dúvida, alguns pensadores estavam buscando uma explicação natural para o mundo e tudo que nele há, e as ideias e teorias evolucionistas pareciam prover uma resposta para eles.

Mais uma vez a formulação dessas ideias foi efetuada em grande parte na Europa Ocidental, de onde mais tarde foram transplantadas para a América do Norte. Essas ideias não somente tinham caráter naturalista, mas também geralmente se opunham às ideias super-naturalistas e às ideias filosóficas e metafísicas mais tradicionais. A Ciência, ou o Cientismo, estava substituindo a Filosofia, o ho-

mem estava substituindo a Deus como centro nas mentes humanas, e a História substituindo a Metafísica. O Romantismo, exaltando o sentimento, contribuiu para desvalorizar a razão. À medida que o raciocínio filosófico perdia sua influência na disciplina do pensamento, os pensadores voltavam-se cada vez mais para explanações em torno de uma ideia básica única (ideologia). Essa tendência foi reforçada em seguida com o crescente caráter monístico do pensamento. O Monismo é a crença de que existe somente um único nível de realidade, por exemplo o nível material ou físico, o que contrastava com visões anteriores da realidade que a consideravam dual ou múltipla, isto é, com os níveis físico e metafísico, ou com os níveis material, mental e espiritual. Os filósofos haviam usualmente provido explicações muito mais complexas para a realidade, mas com o desprezo pela Filosofia e a tendência na direção do Monismo, os sistemas de pensamento que foram se consolidando frequentemente se basearam sobre uma ideia única.

O século dezenove tem sido às vezes referido como a "era da ideologia". De fato, muitas ideias e doutrinas surgiram na Europa nesse século, algumas das quais tiveram um impacto poderoso

sobre o mundo do século vinte. Uma ideologia pode ser definida como um sistema, ou doutrina, fundamentado em uma única ideia básica. Frequentemente à palavra que exprime essa ideia acrescenta-se o sufixo ismo, como por exemplo em Socialismo, para exprimir a ideologia correspondente, muito embora o uso desse sufixo se tenha tornado tão comum que nem sempre as palavras assim formadas representem uma ideologia. O surgimento de alguns desses ismos é indicado por esta descrição relacionada com a história europeia:

Tanto quanto se saiba, a palavra "Liberalismo" apareceu pela primeira vez na língua inglesa em 1819, "Radicalismo" em 1820, "Socialismo" em 1832, "Conservadorismo" em 1835. Em 1830 foram vistos pela primeira vez "Individualismo", "Constitucionalismo", "Humanitarismo" e "Monarquismo". "Nacionalismo" e "Comunismo" datam de 1840. Só na década de 1850 começou a ser usada a palavra "Capitalismo" na língua inglesa. (Palmer e Colton, 1958, p. 431).

Palavras e sistemas semelhantes continuaram a proliferar nos anos seguintes como, por exemplo, "Darwinismo" e "Marxismo". E, como dizem os historiadores, *"sem os ismos criados nos trinta e poucos anos após a Paz de Viena, é impossível compreender, ou mesmo falar da história do mundo ..."* (Palmer e Colton, 1958, p. 431).

A partir de meados do século dezenove houve algo mais do que uma simples tendência

ideológica em direção aos sistemas de pensamento que haviam proliferado. A partir de então, sobretudo a ideia da Evolução tornou-se um agente galvanizador para grande número de ideologias, dando a elas um impulso e um vigor que não haviam sentido antes.

Teorias da Evolução

A Evolução foi a mola intelectual que impulsionou a maior parte do século dezenove. E isso ainda enquanto a ideia da evolução biológica era somente uma curiosa teoria que uma ou outra pessoa apresentava. O Romantismo proveu o cenário, deslocando o foco do pensamento, das características permanentes das coisas (sua natureza) para aquilo em que elas eram singulares, diferentes e individuais. O Romantismo enfatizou a mudança e o crescimento. Sem dúvida também outros eventos, como o rápido aumento da população e crescentes mudanças tecnológicas, reforçaram o sentimento da prevalência do crescimento e das alterações. De qualquer forma, os pensadores começaram a procurar explicações para o crescimento, pesquisando as leis do desenvolvimento e da mudança, e também métodos de prever a direção das alterações esperadas.

O filósofo alemão G. W. F. Hegel desenvolveu uma teoria completa sobre como se dá a ocorrência das mudanças. O seu método é conhecido como Dialética. A mudança, diz ele, resulta das ideias que as pessoas mantêm. Essas ideias mudam dialeticamente, isto é, em função da luta entre duas ideias conli-

tantes. Primeiramente há uma tese (proposição, ideia ou teoria) e então o seu oposto, a antítese. Do conflito entre ambas, surge a síntese, a solução desse antagonismo, que contém elementos de ambas. A síntese, por sua vez, torna-se uma nova tese, e o processo continua, não de forma circular, mas para cima, em aperfeiçoamento progressivo. Hegel foi o principal filósofo alemão da primeira metade do século dezenove, e quando a Filosofia alemã influenciou a América do Norte na segunda metade de século, teve seguidores nos Estados Unidos.

O sociólogo francês Auguste Comte elaborou um esquema que tentou explicar o desenvolvimento da mente e da sociedade através de três estágios sucessivos. O primeiro estágio ele chamou de teológico, no qual os pensadores explicavam as coisas em termos da religião. O segundo estágio era o metafísico, no qual as explicações eram feitas em termos de abstrações, e o terceiro - o estágio final e mais elevado - era o científico, que parece ter para ele o significado principalmente de estágio factual. Esse estágio científico também foi chamado por ele de estágio positivo, em conexão com o qual elaborou ele o que poderia ser considerado de maneira ampla, como uma religião, o Positivismo. O Positivismo seria melhor chamado de religião da adoração da humanidade, ou humanis para usarmos um termo dele mesmo, conforme sua declaração:

Nós, os elementos conscientes dos quais se compõe a Hu-

manidade, devemos portanto orientar todos os aspectos de nossa vida, individual ou coletiva, em direção a ela, que para nós é o único verdadeiro Grande Ente. Nossos pensamentos serão devotados ao conhecimento da Humanidade, nossas afeições ao seu amor, nossas ações ao seu serviço. (Van Baumer, 1967, p. 491).

Embora essas ideias constituíssem importantes ingredientes no novo Humanismo (secular) que surgiu, o ponto central aqui é que ele estava explicando a mudança em termos de estágios de desenvolvimento sucessivos.

Foi, porém, Herbert Spencer, o filósofo do Sintetismo inglês dos meados do século dezenove, que estabeleceu um esquema de evolução universal, no mundo de língua inglesa. Tudo está sofrendo mudança, mantinha Spencer, e não simplesmente mudanças aleatórias, mas mudanças em direção da plenificação e da perfeição. Tudo isto supunha-se estar ocorrendo de acordo com a Lei da mudança e do progresso. Descreveu ele o modo da mudança desta forma:

A evolução ... é uma mudança de uma forma menos coerente em direção a uma forma mais coerente. Este é o processo universal através do qual existências sensíveis, individualmente e no seu todo, passam durante as metades ascendentes de suas histórias. (Schoenwald, 1965, p. 151).

O fim em direção ao qual esse "processo universal" se movimenta, de acordo com Spencer, é o progresso:

O progresso, portanto, não é um acidente, mas uma necessidade. Em vez de uma civilização ser algo artificial, ela na realidade faz parte da natureza; faz parte tanto quanto o desenvolvimento de um embrião ou o desabrochar de uma flor. As modificações que a humanidade tem experimentado, e ainda experimenta, resultam de uma lei subjacente a toda a criação orgânica; e desde que a raça humana continue ... essas modificações devem terminar na perfeição ... (Van Baumer, 1967, p. 505).

Spencer focalizou somente a alteração, ignorando a permanência e reduzindo a eternidade a um remoto Desconhecível. Mesmo assim, suas obras obtiveram mais ampla circulação e maior popularidade do que as de qualquer pensador anterior, de igual renome. Escreveu vários livros, cuja venda na América do Norte, desde o início da década de 1860 até 1903, atingiu 368.755 exemplares. Seu editor, Henry Holt, declarou: "*Provavelmente nenhum outro filósofo jamais esteve tão em voga como Spencer, de 1870 a 1890*". (Hofstadter, 1959, p. 34). Pelo menos uma "teoria geral da evolução" havia sido divulgada amplamente.

Evolução biológica

Entretanto, foi a Teoria da Evolução Biológica de Charles Darwin, apresentada em seu livro "A Origem das Espécies", que ateou fogo no mundo intelectual após 1859. Até aquela data a "teoria do desenvolvimento" como então era chamada, não havia obtido grande sucesso, embora

fosse amplamente conhecida. A própria entrada em voga de Spencer seguiu-se à publicação de "A Origem das Espécies".

Charles Darwin dificilmente pode ser considerado como o primeiro a propor que espécies de plantas e animais tivessem evoluído, e que novas espécies tivessem surgido no correr do tempo. De fato, essa ideia havia sido lançada pelos antigos gregos, embora geralmente rejeitada durante a idade clássica do pensamento grego. A ideia foi revivida no final do século dezoito por pensadores franceses, mais notadamente por Jean Baptiste Lamarck, que acreditava que formas de vida mais complexas e superiores tivessem se desenvolvido a partir de formas mais simples mediante processos naturais. Pensava ele que isso poderia ocorrer através da herança de caracteres adquiridos. Esta teoria, entretanto, nunca foi amplamente aceita. Erasmus Darwin, avô de Charles Darwin, também estudou a vida animal extensamente e lançou a ideia de que todas as formas de vida poderiam ter-se desenvolvido a partir de um único simples início.

Herbert Spencer, também, vários anos antes de Darwin, lançou a ideia de que novas espécies surgiam naturalmente pelo mecanismo do desenvolvimento. Spencer enviou a Darwin um exemplar de um de seus livros tratando do assunto, ao que respondeu Darwin:

Suas observações sobre o argumento geral da chamada teoria do desenvolvimento pareceram-me admiráveis. Atualmente estou preparando um

resumo ... sobre a mudança das espécies; trato porém o assunto como um naturalista e não de um ponto de vista geral, apesar do que, em minha opinião, sua argumentação não poderia ter sido mais feliz e poderia ter sido citada por mim com grande vantagem. (Schoenwald, 1965, p. 121).

Além do mais, outro inglês, Alfred Russell Wallace, chegou virtualmente às mesmas conclusões que Charles Darwin antes da publicação de "A Origem das Espécies". Em 1858 ele enviou um artigo para Darwin, explicando sua teoria. Darwin ficou estupefato. "Nunca vi uma coincidência mais impressionante" escreveu ele para Sir Charles Lyell. "Se Wallace tivesse meu manuscrito de 1842, não poderia ter feito um resumo melhor! Mesmo seus termos cabem como títulos de meus capítulos ..." (Irvine, 1955, p. 42). Darwin elaborou então um resumo de suas ideias para que pudesse ser apresentado juntamente com as de Wallace.

De qualquer forma, "A Origem das Espécies" de Darwin causou um grande impacto favorável à evolução. E de fato o conceito de Evolução tornou-se mais ou menos sinônimo de Darwinismo após a publicação de seu livro. Antes da publicação da obra de Darwin, as teorias da evolução biológica geralmente haviam sido rejeitadas ou ignoradas. Após a publicação, logo ela se tornou a teoria dominante, prometendo substituir todas as demais. Três décadas depois do aparecimento do livro de Darwin, Alfred Russell Wallace declarou não com muito exagero:

Todo o mundo científico e literário, incluindo todo o público instruído, aceita como assunto de conhecimento comum a origem das espécies a partir de outras espécies aparentadas pelo processo do nascimento natural. Além do mais, [continuou ele] ... alegamos que Darwin seja o Newton da história natural, e que ... Darwin, pela sua descoberta da lei da seleção natural ... não somente lançou uma torrente de luz sobre o processo de desenvolvimento de todo o mundo orgânico, mas também estabeleceu um firme fundamento para todo o estudo futuro da natureza. [Textos entre colchetes adicionados]. (Van Baumer, 1967, p. 533).

Darwin focalizou sua atenção quase desde o início de seus estudos sobre variedades de plantas e animais dentro das espécies. Ele chegou a crer que algumas variedades se desenvolviam a partir de espécies originais ao longo de grandes períodos de tempo até que então surgissem como novas espécies. O processo de desenvolvimento de variedades superiores, ou melhoradas, de longa data era bem conhecido entre os criadores de animais. Eles selecionavam os espécimes mais resistentes, ou os que apresentavam as características mais desejadas, geração após geração, e eram assim capazes de desenvolver linhagens distintas (de cavalos, vacas, e outros animais domésticos). Se esse processo fosse efetuado durante tempo suficiente, pensava Darwin, talvez durante dezenas ou centenas de milhares de anos, poderia sur-

gir uma nova espécie. A seleção efetuada pelo homem, entretanto, dificilmente poderia explicar o processo pelo qual as espécies teriam se originado; teria ele de ocorrer na natureza, se todas as plantas e animais (incluindo o homem) tivessem se desenvolvido desta forma.

A chave que Darwin descobriu foi a seleção natural. Ele tomou emprestada a ideia da luta pela sobrevivência de Malthus, e a ideia da sobrevivência do mais apto de Spencer. Darwin observou, como outros, que as plantas e os animais se reproduzem em quantidade prodigiosa; eles se multiplicam muito mais rapidamente do que os meios para a sua subsistência. Em consequência, estabelece-se uma luta pela sobrevivência na natureza, especialmente entre os membros da mesma espécie. As variações, que se tornam a base das variedades, capacitam algumas a sobreviver, enquanto outras se extinguem. Esses "mais aptos" que sobrevivem na luta pela vida desenvolvem-se ao longo de trajetórias que podem em seguida levar a uma nova espécie, sustentava Darwin. Ele também cria que a seleção sexual deveria ter desempenhado certo papel, pelo menos entre os animais superiores. (Assim, se os homens preferissem mulheres louras, presumivelmente os cabelos louros se tornariam o traço dominante).

Se Darwin tivesse se contentado meramente com o enunciado de sua teoria, ou mais corretamente, de sua hipótese, pouco mais teria ele feito do que outros que o precederam. Porém, ele fez muito mais do que isso. Ele realmente

apresentou sua hipótese, dando-lhe o lugar de destaque em seu livro. Ele a considerou também suficientemente importante para dar bastante atenção às objeções que poderiam ser levantadas contra ela, e tratou-as com certa extensão. Além disso, entretanto, e provavelmente como algo muito mais importante para a aceitação de sua hipótese como uma teoria válida, reuniu uma imensa quantidade de material que apresentou como evidência a favor de sua tese. Isto deu ao seu trabalho, como um todo, a aparência de apoio científico (ou factual), algo que impressionou grandemente muitos de seus contemporâneos. De fato, Darwin havia estado a coletar evidências geológicas, botânicas e zoológicas durante 25 anos antes de publicar "*A Origem das Espécies*". Sua viagem de cinco anos a bordo do "*Beagle*" possibilitou-lhe coletar um vasto sortimento de informações provenientes de outros lugares do mundo. Após retornar à Inglaterra, dispôs de muitos anos mais coletando e estudando todo o tipo de casos, espécimes, plantas e animais domésticos e selvagens. Em seu livro trouxe ele essa tremenda massa de informações para sustentar a sua tese sobre a seleção natural e a evolução biológica, ou a dispôs de tal modo a lhe dar apoio. Darwin tinha uma bem firmada reputação como observador cuidadoso e expositor fiel, antes de publicar o seu mais impressionante trabalho. Ao dispor essas informações de conformidade com a tese tão ampla e abrangente da Evolução Biológica, ele realizou um verdadeiro "*tour de force*", que despertou atenção.

Darwin não deixou, entretanto, inteiramente ao acaso o impacto de seu livro. Muitos livros se publicam e poucos mudam a mente das pessoas de alguma forma. Não somente ele já tinha confirmado sua reputação como naturalista publicando livros e artigos, mas também havia se relacionado com outras pessoas visando gradualmente trazê-las para perto de seu ponto de vista, durante muitos anos antes da publicação de "*A Origem das Espécies*". Ele se correspondeu com Sir Charles Lyell, líder em seu campo, e com quem conversou bastante. Ele manteve correspondência com Asa Gray, de Harvard, que se tornou seu grande defensor na América do Norte. E acima de tudo, ele já tinha quase persuadido T. H. Huxley antes do lançamento de seu livro, o qual se tornou seu gerente publicitário exclusivo (embora nutrisse alguma dúvida sobre a mutabilidade das espécies). Bastante provavelmente Huxley estava mais preocupado na divulgação de uma explanação natural, do que na hipótese específica de Darwin, não obstante, porém, serviu-o bem.

Darwin cria ter descoberto uma explanação, e uma grandiosa explicação, para o desenvolvimento de todas as formas de vida. Assim a descreveu ele:

Assim, a partir da guerra na natureza, da fome e da morte, o objetivo mais exaltado que somos capazes de conceber, a saber, a produção de animais superiores, segue-se diretamente. Existe grandiosidade nessa visão da vida, com suas forças diversas ... que ... par-

tindo de um começo tão simples, tenham evoluído e estejam evoluindo em direção a infinitas formas mais belas e mais maravilhosas. (Irvine, 1955, p. 96).

Se tivesse havido alguma dúvida sobre se Darwin cria que o homem evoluiu dos animais inferiores, ela teria sido removida pelo próprio Darwin com a publicação de "*A Descendência Humana*", em 1871. Nesse tratado extremamente longo, Darwin defendeu que o homem evoluiu de algum ancestral dos símios, ou pelo menos que o homem teve ancestrais comuns com essas criaturas. Ele tentou explicar como o consciente, a consciência, os sentimentos morais e as características mais ou menos peculiares ao ser humano poderiam ter evoluído. Muita atenção foi dedicada à descrição de atributos de animais inferiores que apresentam semelhança com os atributos muito mais altamente desenvolvidos no homem. Finalmente, concluiu ele que as diferenças entre o homem e os animais inferiores são de grau, e não de espécie.

Crítica da Evolução Darwinista

Quase que desde o início a crença na origem natural das espécies - e mais amplamente, do desenvolvimento natural de todas as coisas - tem constituído uma espécie de fé. A fé pode ser chamada de Darwinismo, Naturalismo, Evolucionismo, ou algo semelhante. Existe nessa fé um ingrediente essencial que hoje em dia é frequentemente mencionado como sendo o Humanismo Secular.

O Evolucionismo é tido como uma fé, entretanto, não porque tenha seus fiéis, mas porque manifestam eles uma atitude de fé perante ele, ao invés de submetê-lo a testes de lógica e de evidências. Para demonstrar que é isso que acontece, pode ser útil aplicar a ele alguns desses testes aqui.

A Teoria da Evolução Natural das espécies está cheia de dificuldades. Em primeiro lugar, a despeito das alegações feitas a favor de sua validade científica, ela é basicamente uma proposição histórica e não científica, pois trata de acontecimentos e desenvolvimentos que se supõem ter ocorrido no decurso do tempo. Bastante precisamente, trata-se de História Natural e não História da Humanidade como comumente a encontramos. Mesmo assim, as regras de evidências que se aplicam na História geralmente, são as que basicamente a ela se aplicam também. Além do mais, os eventos cruciais - a saber, que novas espécies emergiram naturalmente - são hipotéticos. Não existem testemunhas dos eventos, e as evidências a favor de sua ocorrência são negativas. Existem evidências, discutíveis, de que algumas espécies surgiram posteriormente no tempo com relação a outras, porém isso constitui um argumento negativo, isto é, não foram encontrados remanescentes fósseis de uma determinada espécie em estratos mais antigos. A ausência de evidências nada prova. Se os eventos cruciais tivessem sido comprovados, então a explanação de Darwin poderia corretamente ser descrita como uma teoria da evolução. Como estão postas as coisas, desde que

os eventos cruciais são hipotéticos, a explanação de Darwin no máximo é uma teoria para explicar uma hipótese. A hipótese evolucionista de Darwin pode ser exposta desta forma: Se novas espécies ocorreram no processo de desenvolvimento natural, o processo poderia ter tido lugar bastante aproximadamente como Darwin o imaginou.

As dificuldades científicas que enfrenta a hipótese darwinista são ainda maiores do que as dificuldades históricas. Um dos fatos mais impressionantes da natureza é a persistência tenaz das espécies. Uma espécie é mais prontamente distinguida de outras pelo fato de que os seus machos e as suas fêmeas podem acasalar-se e produzir descendência fértil. Dito de forma simples, igual gera igual, e sua descendência continua o mesmo processo em uma cadeia aparentemente sem fim. Sob a atuação do homem tem havido algum cruzamento transpondo a aparente linha divisória das espécies. Nesse caso a descendência é de híbridos que ou são estéreis ou são imprevisíveis. O exemplo clássico de híbrido é a mula. A mula é o resultado previsível do cruzamento de um burro com uma égua. A mula, porém, é estéril, isto é, não pode normalmente produzir descendentes. Normalmente, cada mula caracteriza a linha divisória que não pode ser transposta.

Darwin tentou contornar essas várias dificuldades postulando o desenvolvimento de novas espécies que divergiram cada vez mais das espécies mães, ao longo de um enorme intervalo de tempo. Em resumo, a mudança

ocorreria tão gradualmente que a emergência de uma nova espécie envolveria somente alterações infinitesimais ao longo de séculos, por exemplo. Visto dessa forma, jamais haveria algo que um historiador pudesse chamar de um evento, na emergência de uma nova espécie. Esse tipo de coisa resolveria um problema, mas daria origem a outro, a saber, haveria a necessidade de existir uma numerosa gradação de seres cobrindo os hiatos entre as espécies. Por exemplo, do macaco até o homem, a comprovação desse processo exigiria a evidência de criaturas que se tornassem cada vez mais semelhantes ao homem, e cada vez menos semelhantes ao macaco. Darwin estava bem ciente de que não existiam tais evidências, e então para contornar a dificuldade postulou a existência (!) de "elos perdidos", seres que deveriam ter existido em certo momento, porque são necessários à comprovação da sua teoria. Contrariamente ao que tem sido amplamente crido, não existiria somente um único "elo perdido", mas inumeráveis elos que deveriam preencher todos os hiatos entre as espécies.

As enormes evidências acumuladas por Darwin proveram abundantes provas do desenvolvimento de variedades, cepas e linhagens dentro das espécies. Isto é, ele comprovou reiteradamente aquilo de que ninguém duvidava muito em primeiro lugar. Plantas e animais domésticos de há muito têm sido submetidos a plantios e cruzamentos seletivos para produzir plantas e animais com os característicos desejados. Pode ser, também, que os dados

acumulados por Darwin e posteriormente por outros, apontem para um processo natural pelo qual variedades resistentes se desenvolvam e se sustentem. Isto é, pode ser que Darwin tenha contribuído para nossa compreensão da evolução dentro da espécie. Porém, não provou ele a evolução das espécies, nem estabeleceu como fato o método pelo qual ela ocorreria. Aqueles que creem o contrário, aceitam-no pela fé e não porque isso tenha sido demonstrado ser verdadeiro. Sem dúvida, os que creem que Deus criou o homem à Sua imagem, que Ele criou as outras espécies e deu ao homem o domínio sobre elas, aceitam isso também pela fé. Estes estão cientes disso e reconhecem sua fé; aqueles escondem sua fé sob o manto de uma aparência científica.

O Impacto da Evolução

O Darwinismo produziu ondas de choque que atingiram todas as áreas do conhecimento, e que ainda não se extinguíram. O Darwinismo foi trazido à luz dentro de uma estrutura na qual a ideia da evolução como explicação natural para todas as espécies de desenvolvimento estava ganhando força. Quando suas alegações foram aceitas, proveram confirmação para a Evolução em uma área bastante vital.

Tanto o Darwinismo como a ideia geral da Evolução causaram um impacto tão grande nos Estados Unidos quanto na Inglaterra (talvez até maior). A popularidade de Spencer já foi destacada. Seu principal discípulo na América do Norte foi William Graham Sumner, embora tivesse

muitos outros. Os contatos entre Darwin e Asa Gray em Harvard também já foram destacados, tendo este último se tornado um expoente das ideias de Darwin nos Estados Unidos. Louis Agassiz, também em Harvard, foi um vigoroso opositor das teorias de Darwin, embora a Teoria da Evolução Biológica, não obstante, ganhasse terreno rapidamente em seu país, a França. John Fiske, historiador e filósofo, tornou a Evolução mais amena para os teístas descrevendo-a como sendo a maneira pela qual Deus atua no mundo. Longe de sentir-se derrotado por qualquer noção de ser o homem simplesmente um animal um pouco superior aos demais, Fiske declarou que *"toda a criação tem estado a gemer, em trabalho de parto para dar à luz o último espécime acabado proveniente das mãos de Deus, a Alma humana"*. (Commager, 1954, p. 85). Entretanto, embora o Darwinismo devesse servir de base para a Filosofia ou a Ideologia, como certamente foi, houve também outras direções para as quais ele poderia apontar, como de fato apontou.

O impacto mais geral da ideia da Evolução decorreu de focalizar ela a atenção sobre as características mutáveis da realidade, e relegar a segundo plano, ou mesmo ignorar, as coisas permanentes, fixas e eternas. De fato, para um evolucionista radical, sempre pareceu não existirem características fixas ou permanentes para a realidade. Olhando-se de maneira ampla, tudo esteve sempre em um estado de fluxo, alteração, adaptação e ajustamento. Tudo sempre pareceu ser relativo quanto ao

tempo, ao local, e a tudo o mais. A ideia de Relativismo recebeu grande impulso do Darwinismo, e logo no início do século vinte Albert Einstein tornou pública a sua Teoria Geral da Relatividade, colocando todo o Universo sob seu comando. Pontos fixos e leis permanentes tenderam a retirar-se do palco ou a desaparecer da mente gradualmente.

Para Herbert Spencer, Deus era o Desconhecível, mas para muitos intelectos contemporâneos Ele era na realidade o Desconhecido. Quando jovem, Charles Darwin havia iniciado estudos que o levariam à carreira eclesiástica, a qual porém ele abandonou para dedicar-se à Ciência. No decurso de sua vida ele se afastou das suas crenças religiosas iniciais, embora usualmente tomasse precauções para evitar controvérsias religiosas. Ao contrário, T. H. Huxley, um agnóstico - termo por ele mesmo cunhado para indicar que ele não sabia se Deus existia ou não - entrou em conflito com o clero sempre que surgiu oportunidade em sua carreira. O geólogo Adam Sedgwick declarou a respeito da Teoria da Seleção Natural de Darwin, que ela era *"um prato de materialismo de mau gosto, inteligentemente cozido e servido meramente para nos tornar independentes de um Criador"*. (Barzun, 1958, p. 37). Sem dúvida, o Darwinismo entrou na moda porque ofereceu uma explicação natural, e embora ele não dispensasse a necessidade de alguma espécie de Originador, para não falarmos em Criador, certamente ele exigia nada mais do que um Deus bastante remoto.

O filósofo alemão Friedrich Nietzsche proclamou, de fato, que Deus estava morto, querendo com isso dizer, podemos supor, que a crença em Deus não mais era sustentável. Se fosse esse o caso, certamente isso seria o presságio de grandes mudanças a sobrevirem, pois sem Deus certamente muitas coisas seriam diferentes. Porém,

o próprio evento é imensamente grandioso [disse Nietzsche] ... pois mesmo para o seu relato ter atingido ... muitas pessoas ..., sem falarmos de sua capacidade para saber o que realmente está envolvido, e tudo o que deve entrar em colapso agora que essa crença foi solapada ... [pode-se prever] um excesso prolongado e a continuação da demolição, da ruína e da subversão que agora se acha iminente ... [Textos entre colchetes adicionados]. (Weber, 1959, p. 672).

Todo o sistema de moralidade entraria em colapso, pensava ele, juntamente com muito daquilo que havia restringido a humanidade no passado. "O homem tem um desejo terrível e fundamental", declarou Nietzsche; "ele deseja poder, e esse impulso que é denominado liberdade, deve ser restringido durante o maior tempo possível" (Black, 1964, p. 472). Embora Nietzsche aparentasse saudar a vindoura era sem Deus como um novo e róseo alvorecer, ele previu corretamente a destruição que deveria seguir-se quando o desejo do poder fosse liberado das restrições e fosse exercido por tiranos, como foi o caso em muitos países no século vinte.

Estranhamente, o homem sem Deus não pode adquirir conhecimento. Pode, sim, adquirir montes e mais montes de informação mais ou menos factual, como de fato ocorreu com os que cada vez mais vigorosamente assim procederam desde a última parte do século dezenove (e projetaram meios cada vez mais efetivos para disseminá-la), mas sem nada acrescentar ao conhecimento ou à verdade. Sem Deus, falta-nos a premissa inicial e final para o conhecimento, um Conhecedor em cuja informação esteja o conhecimento, um ponto fixo do qual partir para obter conhecimento. É esta a fonte última do Relativismo desta era, do qual o Relativismo Evolucionista constitui um reflexo. Nada disso significa sugerir que o homem cessou inteiramente de crer em Deus, de maneira geral, desde aquela época. Não é este o caso, universalmente. O que aconteceu, entretanto, é que a crença em Deus tornou-se crescentemente separada das conseqüências intelectuais, o que resultou em profundas feridas tanto para a fé religiosa como para a atividade intelectual.

Outro impacto geral da Evolução e do Darwinismo precisa ser discutido antes de nos voltarmos a alguma aplicação particular dessas doutrinas. O efeito dessa revolução no pensamento foi substituir a Filosofia (e a Teologia) pela História. Ou, dito de outra forma, o estudo de virtualmente tudo tendeu a tornar-se o estudo de sua história. (Exceções notáveis foram a Química, a Física e a Matemática, embora tenham sido desenvolvidos enormes esforços para inserir a

Matemática e a Física em uma estrutura relativística, como por exemplo a da "*nova matemática*"). Assim, a Filosofia tendeu a se tornar a História da Filosofia; a Literatura, a História da Literatura; a Ciência Política, a História do Desenvolvimento Político; a Biologia, a História da Evolução das plantas e dos animais; a Teologia, a História das Religiões; a Economia, a História das instituições econômicas; etc. A focalização tendeu em todas as áreas a voltar-se sobre como as coisas evoluíram, seja o assunto constituído por animais, pelo monoteísmo ou pelo governo.

O mesmo se deu com relação às "leis" do desenvolvimento histórico ou da Evolução. Uma grande mudança ocorreu no significado de lei natural, enquanto os pensadores continuaram ainda a crer nela. Na época da fundação dos Estados Unidos da América do Norte, as pessoas usualmente pensavam na lei natural como princípios de regularidade entranhados nas coisas; elas eram metafísicas, isto é, subjacentes ao mundo físico. Essas leis eram concebidas como a moldura na qual ocorriam as ações e os eventos, potencialidades existentes até que alguém ou algo atuasse. As leis naturais, assim, determinavam efeitos, mas não eram causas. Na estrutura histórica que veio a prevalecer nos círculos intelectuais na última parte do século dezenove, a Metafísica foi grandemente abandonada. As leis naturais passaram então a ser concebidas como forças, causas - se desejarmos - que explicavam o curso do desenvolvimento. A lei natural como uma força era a causa das

coisas acontecerem, e não o resultado do comportamento humano ou outro qualquer. Assim, os pensadores falavam das forças que produziam mudança. A evolução de todas as coisas passou a ser amplamente concebida como o resultado de forças naturais em operação no mundo.

O homem, também, entrou neste fluxo forçado de causação do desenvolvimento natural. E dificilmente poderia ocorrer o contrário para aqueles que acreditavam na Evolução como um processo natural e no homem como um produto da evolução natural. Foi um passo fácil daí para a crença de que o comportamento humano era determinado por essas forças causativas. A mente e a vontade não eram livres; elas situavam-se em uma corrente de causação que as determinava. Assim, pensadores e escritores elaboraram teorias deterministas. O Determinismo Biológico logo ficou à mão como explicação de como o comportamento se determinava. Os que enfatizaram isto focalizaram a hereditariedade como a causa primeira do comportamento e do desenvolvimento humano. Enfim, a hereditariedade certamente deve ser o principal fator causal na Evolução Biológica. Teorias raciais hediondas surgiram a partir dessas crenças. Mas também o ambiente frequentemente foi considerado como desempenhando um importante papel, e o Ambientalismo foi outro determinismo que ganhou aceitação. John B. Watson, psicólogo americano, desenvolveu um ponto de vista inteiramente mecânico do papel do ambiente, com sua teoria dos estímulos e

respostas. As teorias determinísticas tendem não só a eliminar qualquer crença na liberdade de ação ou escolha do homem, mas também qualquer responsabilidade pessoal pelos seus atos.

Provavelmente outro determinismo mais proeminente foi o econômico. Karl Marx foi o mais vigoroso defensor desse ponto de vista. Ele defendia a ideia de que o controle sobre os instrumentos de produção determinava a organização social, e que "*não é o consciente humano que determina a sua existência, mas, pelo contrário, sua existência social determina o seu consciente*". (Hillquit, 1909, p. 63).

Deveria ser observado, também, que à medida que cada vez um número maior de coisas passou a ser considerado historicamente, aquilo que se pensava ser História perdeu muito de seu significado. A História passou a ser em grande parte o relato de como as coisas chegaram a ser como são, com mais alguma tentativa para descobrir as tendências que indicariam o caminho que elas estão seguindo. Alguns historiadores corajosamente proclamaram no início do século vinte, que não há lições a serem aprendidas da história. O historiador J. H. Robinson (1912, pp. 17-18) declarou:

É verdade que de longa data tem sido afirmado que certas lições poderiam ser tiradas do passado. ... Existe, porém, uma crescente suspeita ... de que esse tipo de utilidade é puramente ilusório. ... Seu valor repousa na hipótese de que as condições permanecem suficientemente uniformes para atribuir aos

precedentes um valor perpétuo, embora, na realidade, as condições ... estejam se alterando tão rapidamente que na maior parte seria realmente perigoso tentar aplicar a experiência passada para a solução de problemas atuais.

H. E. Barnes (1925, p. 589) pensava que a própria ideia de procurar a verdade no passado era ridícula:

Nem mesmo um membro da Ku Klux Klan do Texas (argumentou ele) pensaria em levar seu automóvel para Moisés, Josué, Lutero ou George Washington ajustar o carburador ou a sede das válvulas, e não obstante nós nos convencemos a nós mesmos ... que devemos continuar a tentar resolver nossos problemas contemporâneos da sociedade, da política e da conduta, com base na ... informação que em muitos casos antecede de muito a Moisés [parênteses acrescentados].

Se realmente tudo está mudando, como muitos evolucionistas chegaram a crer, e se tudo que existe é somente história, a verdade irônica parece ser que a história não importa muito.

Naturalismo na literatura

O século dezenove foi a idade da novela na literatura. A poesia havia revivido consideravelmente durante a onda do Romantismo na primeira metade do século dezenove, mas mais uma vez sucumbiu diante do caráter prosaico da época que se sucedeu à Guerra Civil americana. Walt Whitman viveu muitos anos após a guerra, mas não mais pro-

duziu a poesia tonitroante de suas obras iniciais, como "Leaves of Grass". Os jornais aumentaram em número, e ainda mais impressionantemente em circulação, no período entre a Guerra Civil e a Primeira Guerra Mundial, mas o estilo jornalístico não havia ainda se imposto como forma literária. O ensaio era um importante meio de expressão, e havia grande número de revistas de opinião e informação, tais como "The Atlantic Monthly" e "Harper's". Na década de 1890 revistas como "Ladies' Home Journal" e "Collier's" causavam impacto com suas histórias e artigos.

Porém a novela havia-se projetado como o veículo mais importante de expressão literária. Ela focalizava o indivíduo, e dava destaque para o pleno desenvolvimento da ascensão e da queda de indivíduos em uma época em que o individualismo era altamente prezado como maneira de vida pelos americanos. Eram publicadas todas as espécies de novelas, desde as românticas até a série de Horatio Alger sobre o menino pobre que progrediu na cidade grande, dos cenários utópicos até os realistas que descreviam detalhes da vida diária com grande exatidão. Algo mais durável dentre a literatura produzida durante esse período frequentemente é descrito como tendo "cor local". Isso se refere a histórias e novelas curtas, principalmente baseadas em algum local particular do país, tentando captar seu sabor e caráter locais. Edward Eggleston, que escreveu sobre a vida no meio-oeste, explicou o que o levou a destacar a cor local dessa região:

Acontecia que entre nós era um assunto de não pouco ciúme ... que as maneiras, costumes, pensamentos e sentimentos das pessoas da zona rural da Nova Inglaterra ocupassem tanto lugar nos livros, enquanto que nossa vida, não menos interessante, não menos romântica ... não tinha lugar na literatura. Era como se tivéssemos sido expulsos da sociedade. (Williams, Current e Freidel, 1959, p. 80).

Seu livro mais conhecido foi "A Hoosier Schoolmaster". George Washington Cable escreveu histórias de Louisiana; Sarah Orne Jewett, da Nova Inglaterra; e Joel Chandler Harris captou o sabor das histórias dos negros da Geórgia e seu dialeto, na sua narrativa de "Uncle Remus".

Mark Twain (pseudônimo de Samuel Clemens) foi muito mais versátil em seus escritos para poder ser enquadrado em uma única categoria. Foi humorista, satírico, escritor de coloração local, e renomado contador de histórias incríveis, bem a sabor da veia americana. Em "Roughing It" ele descreveu a vida na fronteira, e em "Innocents Abroad" captou o contraste entre as maneiras europeias e americanas. Porém tornou-se estimado através das gerações, especialmente pelos jovens, com suas "The Adventures of Tom Sawyer" e "Adventures of Huckleberry Finn". Quem leu, jamais esquecerá Tom assistindo seu próprio funeral ou distraíndo outros meninos na caiação da cerca de Tia Polly, e Nigger Jim e Huck em sua viagem pelo Mississippi! Henry James foi o mestre estudado da novela rea-

lista e William Dean Howells foi o principal crítico literário do período.

São os escritores naturalistas, entretanto, que mais se enquadraram no tema deste capítulo. Poder-se-ia supor que o Naturalismo na literatura estivesse bem próximo do Realismo, mas isso acontece no máximo só de uma maneira perversa. Os naturalistas tendiam a conceber o homem como parte da natureza, destituído de heroísmo e idealismo, e tendo somente um verniz de civilização. "Animalismo" poderia captar melhor o impulso do Naturalismo, pois os escritores naturalistas focalizavam o homem como um animal simplesmente domesticado. Podiam explorar plenamente, mediante novelas imaginativas, algumas das conclusões que pareciam resultar da Teoria da Evolução e do Darwinismo. Alguns deles haviam lido ou estudado os autores evolucionistas e haviam sido levados na onda de suas ideias. "Ignorar Spencer", Jack London fez um de seus personagens dizer, "seria equivalente a um navegante jogar no mar a bússola e o cronômetro". (Cowley, 1956, p. 304). Theodore Dreiser lia Huxley e Spencer, que tiveram um impacto fatal em seus escritos. Até ter lido Huxley, disse ele, pelo menos tinha uma fé distante no Cristianismo, porém depois de ter lido, concluiu que o Antigo e o Novo Testamentos "não eram compêndios de verdade revelada, mas meros registros de experiências religiosas, e ainda assim, bastante errôneos ...". Dreiser descobriu tudo em Spencer:

Julguei substancial - a posição do homem na natureza,

sua importância no Universo, esta Terra tão sólida, a própria identidade do homem mantido como uma partícula infinitesimal de energia ou uma "equação suspensa impulsionada de um lado para outro por forças maiores nas quais ele se move tão inconscientemente como um átomo ..." (Cowley, 1956, p. 303).

Porém, de onde quer que retirassem suas ideias, fosse pela leitura original dos evolucionistas, ou obtendo-as de segunda ou terceira mão, os romancistas as incorporavam nas histórias de seus personagens. Para Jack London, que escreveu romances como "The Sea Wolf", "The Call of the Wild" e "White Fang", o homem era capaz de reverter à sua natureza animal a qualquer instante:

A civilização espalhou um verniz sobre a superfície desse animal de casca mole conhecido como homem. É um verniz muito fino. ... Deixe-o passar fome, deixe-o sem seis refeições e veja boca a dentro, através do verniz, a goela faminta do animal em baixo. ... Toque em sua tola vaidade, que ele exalta em altas vozes, chame-o de mentiroso, e veja nele o animal que utiliza suas garras tão rápido quanto o tigre as suas patas, ou a águia o seu esporão, encarnado com o desejo de atacar e destruir. (Commager, 1954, pp. 110-111).

Frank Norris, autor de "The Octopus" e "The Pit", descreveu um de seus personagens como "afligido por um desagradável fluxo de um mal hereditário". A ênfase maior, entretanto, usual-

mente caía sobre o papel do ambiente na conformação das vidas humanas. Stephen Crane, autor de "Maggie, a Girl of the Streets", declarou que a novela mostra "que o ambiente é algo tremendo e frequentemente molda as vidas independentemente". (Cowley, 1956, p. 315). Theodore Dreiser, em uma série de romances, de "Sister Carrie" a "An American Tragedy", descreveu personagens apanhados pelo domínio de forças que não podiam suportar ou vencer.

Romancistas naturalistas realmente ressaltaram a ideia de que o comportamento humano é determinado por forças - o instinto, a hereditariedade, o ambiente, a sociedade - fora de seu controle. Eles conseguiram dar carne e sangue a uma teoria dúbia. Além do mais, se o comportamento humano é determinado dessa forma, o homem não é responsável por ele, nem deve ser culpado pelas consequências de seus atos. Esta foi uma ideia poderosa, corrosiva tanto da moralidade quanto das formas tradicionais de atribuir responsabilidade. Ela também apontou para a conclusão de que a atuação individual por si só era incapaz para enfrentar a vida, dando assim impulso ao Coletivismo no século vinte.

Darwinismo Conservador

O Professor Richard Hofstadter deu ao seu livro sobre a aplicação das ideias evolucionistas à sociedade e à economia, o título "Social Darwinism in America". O termo Darwinismo Social tem sido amplamente utilizado, seguindo seu exemplo, a aplicações em mais do que um senti-

do. Como destacou o historiador Eric Goldman, é um pouco menos confuso referir-se a uma aplicação do termo como "Darwinismo Conservador". Embora seja algo duvidoso que qualquer aplicação abrangente da evolução fosse especialmente conservadora, a distinção que ele faz é importante, e será seguida aqui.

De qualquer forma, o impacto inicial das ideias evolucionistas somente serviu para reforçar algumas das ideias prevaletentes, e que poderiam ser chamadas de conservadoras. Elas deram apoio adicional a uma crença no progresso, já amplamente aceita. Se o mais apto sobrevive na luta, então aí está um caso claro a favor tanto da crença de que o último é melhor, como de que a competição livre entre indivíduos é a maneira de conseguir o progresso. Além do mais, Spencer e seus discípulos geralmente criam na livre empresa, e opunham-se à regulamentação ou à intervenção do governo na economia. Por exemplo, Spencer declarou (1865, p. 334):

Felizmente agora não é necessário impor a doutrina da liberdade de comércio por qualquer consideração de ordem política. Depois de continuadas tentativas de aperfeiçoar as leis do comércio, desde os tempos de Sólon, finalmente os homens estão começando a perceber que tais tentativas são mais do que inúteis. A economia política nos tem mostrado neste assunto - e é de fato sua principal função mostrar isso - que nosso plano mais sábio é deixar as coisas tomarem seu próprio rumo.

De maneira mais ampla, poder-se-ia argumentar que qualquer tentativa de alterar o curso do desenvolvimento através da atividade humana corresponderia a curto-circuitar o benevolente processo do progresso.

A ideia spenceriana da sobrevivência do mais apto (incorporada também na Evolução Biológica Darwinista) adaptava-se bem à perspectiva de muitos homens de negócio bem sucedidos. James J. Hill proclamou que *"as fortunas das companhias de estradas de ferro são determinadas pela lei da sobrevivência do mais apto"*. (Hofstadter, 1959, p. 45).

John D. Rockefeller secundou esse ponto de vista com entusiasmo:

O crescimento de uma grande empresa é meramente a sobrevivência do mais apto ... (No processo, muitas pequenas empresas caem ao longo do caminho. Porém isso, julgava Rockefeller, é o caminho do desenvolvimento natural). A rosa denominada American Beauty pode ser produzida com o esplendor e a fragrância que traz admiração ao seu possuidor somente mediante o sacrifício das gemas precoces que crescem em torno dela. Esta não é uma tendência má nos negócios. É meramente a atuação de uma lei da natureza e uma lei de Deus. [Texto entre parênteses adicionado]. (Hofstadter, 1959, p. 45).

Andrew Carnegie disse que em resultado da leitura de Darwin e Spencer a *"luz surgiu como em uma inundação e tudo ficou claro. Não somente me libertei da teologia e do sobrenatural, mas en-*

contrei a verdade da evolução". E a verdade, julgava ele, era que na ordem natural o progresso tinha lugar sempre avante em direção à perfeição. Para os que achavam defeito na luta pela existência, tinha ele estas palavras de aconselhamento:

Ela está aí; não podemos escapar dela; nada que a substitua foi descoberto; e embora a lei possa às vezes ser dura para o indivíduo, ela é melhor para a raça, porque assegura a sobrevivência do mais apto. (Hofstadter, 1959, pp. 45-46).

William Graham Sumner expõe isso rude e claramente ao dizer:

"Os milionários são produto da seleção natural em atuação em todo o corpo social para escolher os que satisfazem as exigências de certo trabalho a ser feito ..." (Hofstadter, 1959, p. 46).

Estes pontos de vista acima às vezes são designados como individualismo grosseiro.

O mais importante neste conceito de uma ordem natural com a sobrevivência do mais apto produzindo o progresso era o seu peso como argumento contra qualquer esforço reformador ou revolucionário para alterar o sistema político e econômico. Falar de reforma, visões utópicas e ideias socialistas era algo generalizado nas duas ou três últimas décadas do século dezenove. O Darwinismo conservador proveu um argumento de peso contra isso. Sumner disse a respeito das pessoas que apresentavam essas noções (1954, p. 73):

Essas pessoas, aborrecidas com a complexidade dos problemas sociais e revoltadas contra os fatos da ordem social, tomam sobre si a tarefa de inventar um mundo novo e melhor. Elas varrem para longe tudo que nos perturba, a nós seres humanos, e criam um mundo livre de limitações e condições indesejáveis - em sua imaginação.

Tais pontos de vista ignoram os estágios da civilização e do curso da evolução, pensava Sumner. A evolução havia trazido o homem para o estágio industrial, sustentava ele; todos estão dentro dessa estrutura e são incapazes de alterá-la. Nas próprias palavras vigorosas de Sumner (1954, p. 94):

Ela nos controla a todos porque todos nós estamos nela inseridos. Ela cria as condições de nossa existência, estabelece os limites de nossa atividade social, regula os laços de nossas relações sociais, determina nossas concepções do bem e do mal, sugere a nossa filosofia de vida ...

Em resumo, a "organização industrial" exerce "um controle todo penetrante sobre a vida humana". De uma maneira ainda mais dramática Sumner sustentava que (1954, p. 104):

O grandioso fluxo do tempo e das coisas terrestres continuará da mesma forma, independentemente de nós ... É somente na imaginação que paramos e o olhamos e o criticamos, e planejamos alterá-lo. Todos nós somos filhos de nossa época e não podemos escapar disso. Todos estamos mergulhados

nesse fluxo e fluindo juntamente com ele.

Tais ideias tiveram um impacto considerável. Henry George, homem de inclinação reformista determinada, ouviu um amigo lamentar os males de Nova York de seus dias. George lhe perguntou o que ele se propunha a fazer com relação ao assunto - "Nada", respondeu ele, "eu e Você não podemos fazer absolutamente nada. ... Talvez após quatro ou cinco milênios a evolução poderá ter levado os homens para além desse estado de coisas". (Goldman, 1956, p. 66).

Mesmo assim, o Darwinismo conservador, se essa for uma expressão correta, foi uma filosofia com breve existência, no que diz respeito à aceitação popular. Pode ter havido alguns elementos de verdade nele, porém as ideias evolucionistas de Spencer e Sumner proveram bases sumamente instáveis para a defesa da livre empresa, da liberdade individual ou das instituições norte-americanas. Elas tentaram basear essa defesa em uma ordem mutável e não em algo permanente. Além disso, o ponto de vista de Sumner era tão completamente determinista que parecia não deixar espaço para qualquer liberdade humana significativa. Com relação à sua defesa da propriedade privada - que ele acreditava ser uma instituição valiosa - julgava ele que "ela poderá dar lugar no futuro a alguma outra instituição que crescerá através de estágios imperceptíveis a partir dos esforços de pessoas que lutarão com sucesso contra os males existentes ..." (Sumner, 1954, p. 82). Em

acréscimo, Sumner repudiou a doutrina dos direitos naturais que fundamenta a Declaração da Independência e a Constituição dos Estados Unidos. "Não existem" disse ele "direitos contrários à natureza, exceto para dela retirarmos o que pudermos, o que constitui tão somente uma reiterada afirmação do fato da luta pela existência". (Hofstadter, 1959, p. 59).

Darwinismo Reformador

De qualquer forma, os reformadores não esperaram muito para alegar que o Darwinismo, a ideia de evolução e a ideia do progresso através do desenvolvimento gradual os favoreciam. A ideia dos estágios de desenvolvimento havia sido lançada por Saint Simon e Comte, homens de mente reformadora, mesmo antes de as ideias de Spencer e Darwin terem ocasionado seu impacto. Nesse contexto, o Darwinismo serviu apenas para a argumentação contra outra importante fixidez - a das espécies. Os reformadores desejavam efetuar mudanças fundamentais, e a ênfase dada às mudanças veio favorecê-los.

O americano a quem mais se credita o direcionamento da argumentação evolucionista no sentido das reformas foi um obscuro sociólogo chamado Lester Frank Ward. Ward defendia que um novo estágio na Evolução havia estado emergindo durante muito tempo. O que tornou possível esse estágio, alegava ele, foi o aparecimento e o desenvolvimento da mente humana no decorrer da evolução. (A mente, julgava ele, devia agora

ser grandemente auxiliada pelo desenvolvimento da Ciência da Sociologia). Dizia Ward que foi "o advento, juntamente com o homem, da faculdade de pensar, conhecer, prever, calcular, planejar, inventar e construir, que falta nas criaturas inferiores ..." Este desenvolvimento revogou "a lei da natureza e decretou para substituí-la a lei psicológica, ou a lei da mente". (Commager, 1954, p. 206).

Tendo ocorrido esse desenvolvimento, como alegava Ward, havia agora se tornado possível assumir o controle do desenvolvimento e da direção da sociedade. No passado o desenvolvimento da sociedade havia se dado mais ou menos naturalmente, sem qualquer linha clara de controle ou planejamento. Agora, porém, ele podia ser controlado e dirigido. Por quem? Sem dúvida Ward teria respondido que pelos sociólogos, que elaborariam o planejamento social, ou a "Invenção Social" como às vezes ele a chamou. Não deveria haver nenhuma dúvida, entretanto, que o que ele tinha em mente era que o governo controlasse o processo de desenvolvimento social. Ele desejava iniciar "o aprimoramento das condições sociais através do cálculo frio ...". O objetivo não seria "apenas aliviar o sofrimento atual", mas "criar condições sob as quais não exista sofrimento algum" (Ward, 1920a, p. 468). Isso se conseguiria mediante medidas legislativas. "A legislação", dizia Ward, "nada mais é do que a invenção social. É um esforço para controlar as forças do estado para assegurar ao povo os maiores benefícios". (1920b, p. 36). Ele admitia que

os governos usualmente haviam causado confusão com as suas intervenções no passado, mas isso, pensava ele, foi devido à ignorância dos que fizeram as leis. A Ciência da Sociologia alteraria tudo isso:

Antes que a legislação progressista possa se tornar um sucesso, cada legislativo deve tornar-se ... um laboratório de pesquisa filosófica das leis da sociedade e da natureza humana. Nenhum legislador está qualificado a propor ou votar medidas ... até que domine tudo o que se sabe da Ciência da Sociedade. Cada legislador verdadeiro deve ser um sociólogo ... (Ward, 1920b, p. 37).

Ward estava ciente de que os esforços maciços do governo para alterar a maneira de viver do povo encontrariam resistência. Aí é onde a "invenção social" entraria, pensava ele. "A invenção social consiste em fazer os ajustes que induzam as pessoas a atuar de maneira mais vantajosa para a sociedade". Ele esperava que para a maioria dos que se opusessem a essas mudanças

não fosse necessária restrição de sua liberdade, pois eles também tinham necessidades, e o inventor social deveria divisar meios pelos quais tais necessidades fossem espontaneamente satisfeitas através da ... ação socialmente benéfica. (Ward, 1909, pp. 569-570).

"O maior problema social", declarou ele, "era a redistribuição de bens, e ele se propunha a resolver esse problema de maneira coletiva, utilizando o governo" (ele propunha uti-

lizar a força do governo para tirar bens dos que os possuíam e distribuí-los aos outros).

"Esse é exclusivamente um problema social [disse Ward (1909, p. 571)], e somente pode ser resolvido pela atuação social. Hoje é ele o mais importante de todos os problemas sociais, porque sua solução completa resultaria em nada menos do que a abolição da pobreza e da carência na sociedade". (Texto entre colchetes acrescentado).

O ponto mais importante aqui, entretanto, é que Ward transformou o argumento dos darwinistas contra a reforma e a revolução em um argumento evolucionista a favor da reforma. Ele deu início ao processo dos reformadores alegando ser o último estágio da evolução favorável às reformas também progressistas. De fato ele não provou que as reformas patrocinadas pelo governo como ele as defendia, atingiriam os resultados buscados, ou mesmo que se chegaria a algum novo estágio na evolução. Seu posicionamento, porém, preparou o palco para o movimento gradualista em direção ao socialismo na América do Norte, ao fazer que parecesse que tudo isso seria algo progressista. 🌐

Referências

1. Barnes, H. E. 1925. The new history and the social sciences. The Century Co. New York.
2. Barzun, J. 1958. Darwin, Marx, Wagner. (revised edition) Doubleday Anchor Books. Garden City, NY.
3. Black, E. C. (editor). 1964. Posture of Europe. The Dorsey Press. Homewood, IL.
4. Commager, H. S. 1954. The American mind. Yale University Press. New Haven, CT.
5. Cowley, M. 1956. Naturalism in American literature in Persons, S. editor Evolutionary thought in America. George Braziller. New York.
6. Goldman, E. F. 1956. Rendezvous with destiny. Vintage Books. New York.
7. Hillquit, M. 1909. Socialism in theory and practice. Macmillan. New York.
8. Hofstadter, R. 1959. Social Darwinism in American thought (revised edition) George Braziller. New York.
9. Irvine, W. 1955. Apes, angels and Victorians. McGraw-Hill. New York.
10. Palmer, R. R. and J. Colton. 1958. A history of the modern world. Alfred A. Knopf. New York.
11. Robinson, J. H. 1912. The new history. Macmillan. New York.
12. Schoenwald, R. L. (editor). 1965. Nineteenth century thought: the discovery of change. Prentice-Hall. Englewood Cliffs, NJ.
13. Spencer, H. 1865. Social statics. Appleton. New York.
14. Sumner, W. G. 1954. Sociology in Miller, P. editor. American thought: Civil War to World War I. Rinehart. New York.
15. van Baumer, F. L. (editor). 1967. Main currents of western thought (second revised edition) Alfred A. Knopf. New York.
16. Ward, L. F. 1920a. Dynamic sociology (volume II). Appleton. New York.
17. _____. 1920b. Dynamic sociology (volume I). Appleton. New York.
18. _____. 1909. Pure sociology (second edition). Macmillan. New York.
19. Weber, E. (editor). 1959. The western tradition. D. C. Heath. Boston.
20. Williams, T. H., R. N. Current and F. Freidel, 1959. A history of the United States (volume II). Alfred A. Knopf. New York.

STEPHEN JAY GOULD E A EVOLUÇÃO

(Texto inserido na reedição deste número da Folha Criacionista)

A revista *Nature and Resources* publicada pela Unesco, em seu número de janeiro-março de 1998, apresentou um resumo de debates efetuados sobre o futuro da espécie humana, nos quais participou, entre outros, o célebre biólogo evolucionista Stephen Jay Gould. Falando sobre a evolução, declarou ele o seguinte:

"Tendemos ainda a considerar a evolução como um percurso ao longo de uma trajetória determinada. Particularmente no caso da evolução humana tendemos a considerar a evolução como um movimento em determinada direção, como alteração seguindo uma trajetória particular.



Stephen Jay Gould

A ilusão a respeito da existência dessa trajetória nos leva a crer na possibilidade de fazer extrapolações para o futuro. Entretanto, a evolução não acontece dessa forma. Ela não se dispõe em uma sequência linear, e portanto não pode existir algo como um "elo perdido". De fato, o aspecto mais característico na história de qualquer espécie grandemente bem sucedida como o *Homo sapiens* - somos uma espécie muito bem

sucedida, que se espalhou por todo o globo - é a sua estabilidade. Grandes populações não sofrem grandes alterações. Elas estão adaptadas às suas circunstâncias e permanecem em grande parte como sempre foram."

GOULD E O GENOMA HUMANO

Foi com entusiasmo que Gould recebeu em fevereiro de 2001 a notícia de que o genoma humano tinha apenas entre 30 mil e 40 mil genes, muito menos do que os mais de 100 mil antes estimados. Era pouco mais do que exibem moscas e vermes, e algo difícil de conciliar tanto com a complexidade óbvia da espécie humana quanto com a doutrina de que os genes contêm o código para tudo, de dezenas de milhares de proteínas aos comportamentos característicos de indivíduos e da própria "natureza humana".

"A complexidade humana não pode ser gerada por 30 mil genes, sob a antiga visão da vida corporificada no que geneticistas literalmente chamaram de seu "dogma central": o DNA fabrica RNA, que fabrica proteína", escreveu Gould em artigo para o jornal "The New York Times" em 19 de fevereiro de 2001, uma semana após a publicação das sequências-rascunho do genoma nas revistas científicas "Nature" e "Science".

(Trecho de notícia sobre o falecimento de Stephen Jay Gould, de autoria de Marcelo Leite, Editor de Ciência da "Folha de S. Paulo" em 21 de maio de 2002)

Gould não era criacionista, mas era crítico honesto de muitas das pressuposições do Evolucionismo!

